

CRISE

Construtoras portuguesas sofrem em Angola

Pagamentos estão a ser feitos mas **mais lentamente**



As empresas nacionais facturam anualmente cerca de €1,5 mil milhões em Angola. As dificuldades económicas vieram atrasar os pagamentos FOTO ANA BAIÃO

Os efeitos da crise internacional na economia angolana estão a afectar muitas construtoras portuguesas que operam naquele país. Tem havido atrasos nos pagamentos, mas as várias empresas contactadas pelo Expresso desvalorizam a questão e garantem que estes estão a acontecer, embora mais lentamente. O 'eldorado africano', que entre 2005 e 2008 cresceu a uma taxa média anual de 18,5%, tem sido a aposta de muitos empresários portugueses que tentam aproveitar o dinamismo angolano para crescer fora de portas. Só que a crise internacional não poupa ninguém e a veloz lebre africana está a perder fôlego.

Para este ano, as últimas estimativas do Fundo Monetário Internacional (FMI), divulgadas em Abril, apontam para uma contracção do produto interno bruto (PIB) de 3,6%. O maior problema, dizem os especialistas do FMI, vem precisamente do sector do petróleo, o mais importante da economia angolana, que está a sofrer com a quebra nos preços internacionais.

Bem mais optimistas, os analistas do Banco Espírito Santo esperam um crescimento de 5%, o Governo angolano estima um va-

PRINCIPAIS FRAGILIDADES

■ Preço do petróleo: a queda na cotação internacional do barril é uma das principais causas das dificuldades em Angola. Espera-se uma recuperação da produção no segundo trimestre

■ Cotação do kwanza: em tempo de crise, as saídas de capitais traduzem-se em desvalorizações da moeda. O banco central interviu já para travar a fuga de divisas

lor de 6,2% e o Banco Mundial, que reviu recentemente as projecções, prevê agora um ligeiro crescimento.

João Pereira Miguel, economista do BES, justifica a projecção do banco com as melhores perspectivas no sector petrolífero na segunda metade do ano e também com o dinamismo de alguns sectores, como a construção, as obras públicas ou a extração mineral. "Tem havido um aumento do ritmo de crescimento da produção de petróleo

e dos preços", sublinha. O economista lembra que o orçamento rectificativo aprovado em Junho tem uma projecção para o preço médio anual do barril de 35 dólares. O petróleo e a desvalorização da moeda (kwanza) têm sido os principais veículos de transmissão da crise internacional para território angolano. Para tentar evitar males maiores, o Banco Nacional de Angola introduziu uma limitação às transferências para o exterior em moeda estrangeira, depois de as reservas de divisas terem caído para quase metade desde Novembro de 2008. O banco central aumentou ainda os rácios de reservas dos bancos e limitou os levantamentos.

Construtoras desvalorizam

O atraso nos pagamentos pressiona a tesouraria das construtoras portuguesas, mas a generalidade prefere desdramatizar. "Os pagamentos tornaram-se mais lentos", resume uma fonte do sector. "Quem já está com dificuldades em Portugal e acreditava no eldorado, vai desgratar-se de vez em Angola", avisa um empresário que resume a realidade angolana de 2009 em

três pontos. Há menos contratos, maior dificuldade em receber contratos antigos e em transferir os pagamentos por parte dos bancos.

As construtoras lusas facturam, por ano, cerca de €1,5 mil milhões no mercado angolano, representando, nos principais grupos, entre 20 e 40% do seu negócio. A brasileira Odebrecht, por exemplo, já parou obras e está a reduzir a sua exposição. Se no período da guerra, empresas como a Soares da Costa, Mota-Engil ou Teixeira Duarte estiveram anos à espera de receber e não pararam as obras, não seria agora que adoptariam gestos de hostilidade face a dificuldades momentâneas, induzidas pela quebra da receitas do petróleo e, em menor escala, do negócio dos diamantes. Nalguns casos, as obras beneficiam de linhas de créditos e, em geral, as construtoras contam com pagamentos à cabeça.

A Mota-Engil, que opera em Angola há 60 anos, não está nada incomodada com um ou outro atraso nos pagamentos. "Nem receio nem preocupação. Até vamos aumentar o nosso volume de negócios em 30%", diz Jorge Coelho. Para ele, quem se

internacionaliza tem de saber conviver com a realidade de cada mercado onde opera.

A Edifer acredita que em Setembro a situação se regularizará se a receita do petróleo não voltar a derrapar. A construtora, uma das que tem maior exposição a Angola, reconhece atrasos que chegam a seis meses, "tornando-se uma pressão suplementar sobre a tesouraria", diz o seu porta-voz. A Opway "também sente esse impacto negativo", segundo o seu presidente, Grade Mendes, mas em menor grau pela reduzida exposição (€50 milhões por ano).

No mercado interpreta-se a recente aliança da Mota-Engil com a Sonangol como uma defesa do grupo ao risco do país. Jorge Coelho diz que o conceito de "risco" não se aplica a Angola e contraria a leitura. A parceria, refere, "visa impulsionar a actividade e crescer noutras áreas".

Em Setembro, o Grupo Espírito Santo inaugura a torre mais alta de Luanda, construída pela Teixeira Duarte. Um símbolo do investimento português no imobiliário angolano.

ABÍLIO FERREIRA
e JOÃO SILVESTRE

afferreira@expresso.imprensa.pt

FILME DA SEMANA

Desemprego aumenta

O número de desempregados inscritos nos centros de emprego voltou a subir em Julho. No mês passado contavam-se 496.683 inscritos, mais 1,4% que em Junho e 30,1% acima do registado há um ano.

Crédito malparado agrava-se

O volume de crédito de cobrança duvidosa continuou a crescer em Junho. De acordo com o Boletim Estatístico do Banco de Portugal, o malparado atingiu os €3.503 milhões. Um total que representa um agravamento de 21% desde o início do ano.

Défi do Estado sobe

O défi do subsector Estado fixou-se em €8.570 milhões nos primeiros sete meses do ano, revelou a Direcção-Geral do Orçamento. No mesmo período do ano passado, tinha sido de €3.178 milhões. A quebra na receita fiscal (19,4%) é a principal responsável pela derrapagem das contas. Na Segurança Social, o excedente caiu cerca de 60% em relação ao ano passado.

24% do plano anticrise aplicado

O Estado executou, até Julho, 23,9% da Iniciativa para o Investimento e o Emprego. No total, foram já utilizados €278,5 milhões do plano que será aplicado até final do ano.

UBS dá informação aos EUA

O banco suíço chegou esta semana a acordo com as autoridades norte-americanas para revelar informação sobre 4550 detentores de contas no âmbito de uma investigação de evasão fiscal. Com este acordo, o UBS escapa a sanções nos EUA. Os detalhes foram conhecidos na mesma semana em que o Governo suíço anunciou que vai colocar à venda a participação de 9% que tem na instituição.

Lucros dos 20 maiores bancos somam €30 mil milhões

O Santander foi o banco europeu que se colocou em 2º lugar na lista mundial de 20 bancos com maiores lucros (excluindo os chineses e os japoneses, que apresentam contas noutra altura) durante o 1º semestre. Um grupo de cinco bancos norte-americanos lidera a lista dos mais lucrativos, segundo os analistas, graças às injeções financeiras que receberam. O Bank of America, ainda há meses considerado um banco *zombie*, apresentou €5,3 mil milhões de lucros.

Depois da recessão quem ganhará?

Dois pontos de vista em geografias distantes. Gary Pisano, de Harvard, e Kishore Mahbubani, de Singapura

Ásia ou América? O debate está, de novo, em cima do tabuleiro global.

Os 'asiatistas' voltaram ao ataque apanhando a boleia da crise financeira e da recessão iniciada em 2007 que provocou a erosão das economias ocidentais do G-7 e um forte rombo no sistema bancário e financeiro anglo-americano.

Nos Estados Unidos, os economistas questionam, de novo, tal como há vinte anos fez o Massachusetts Institute of Technology (com o célebre relatório "Made in America") e Michael Porter (com "A Vantagem Competitiva das Nações"), os fundamentos da competitividade americana, mas têm a esperança de que a base científica de que dispõem e o que resta do património dos seus *clusters* de alta tecnologia permita um renascimento e a manutenção da liderança geoeconómica. Da Ásia vem o choque: "O do-

mínio ocidental da história mundial acabou", diz-nos peremptoriamente Kishore Mahbubani, um filósofo de formação que foi diplomata de Singapura durante mais de trinta anos, tendo chegado a embaixador nas Nações Unidas e a presidente do Conselho de Segurança. O seu livro mais recente tem um título que fala por si: "O Novo Hemisfério Asiático: a irresistível mudança de poder global para o Oriente".

"O Ocidente demonstrou imensa incompetência nesta crise. Será difícil ao Ocidente clamar a superioridade moral face aos desafios globais", refere-nos. Só na cabeça dos ocidentais, ironiza o actual reitor da faculdade de Políticas Públicas da Universidade Nacional de Singapura, a história se faria sem crises. "Até, recentemente, o postulado era que o Ocidente tinha uma melhor governação e estaria mais bem preparado para as crises. Agora, está à vista de to-

dos, que era um mito. Os países asiáticos estavam mais bem preparados. O que os ocidentais se devem interrogar, agora, é como é que isso sucedeu? O propósito do meu livro é dar essa resposta", conclui.

Um grito de alarme

Do outro lado do mundo, em Boston, o professor da Harvard Business School, Gary Pisano, lançou um grito de alarme na influente revista da Escola (a "Harvard Business Review", edição de Julho-Agosto), uma espécie de novo manifesto sobre a necessidade de restaurar a competitividade americana.

A entrada do Japão em crise e a difusão da Internet retiraram a América do pessimismo do final dos anos 1980. Viveram-se, depois, vinte anos aparentemente "dourados". Mas Pisano diz-nos que se cometeu um erro capital: "Ocorreu uma erosão

DISCURSO DIRECTO

"Esta crise ajudou a acelerar a irresistível mudança de poder económico do mundo"

KISHORE MAHBUBANI reitor da Faculdade de Políticas Públicas de Singapura

"A economia americana tem tendência para ser muito dinâmica. Muda de curso muito rapidamente"

GARY PISANO professor da Harvard Business School, Boston, EUA

da base tecnológica e industrial", graças à corrida à maximização de curto prazo de ganhos financeiros trimestrais pelas empresas, que conduziu a um movimento massivo de externalização (*outsourcing*, como é designado em inglês). Desde 2002, salienta Pisano, que os EUA são deficitários no comércio internacional em alta tecnologia. Junta-se, já na ponta final pré-crise, as políticas erradas sobre imigração que incentivaram um regresso de cérebros aos seus países de origem (nomeadamente China, Índia, Europa) e um desinvestimento na ciência. Mas os EUA são o país com maior capacidade de adaptação. E têm uma vantagem única: "nenhum outro país tem a nossa capacidade de investimento em ciência".

Em suma, são dois olhares tão distintos quanto separados geograficamente.

JORGE NASCIMENTO RODRIGUES
economia@expresso.imprensa.pt



Veja o dossiê sobre o tema
www.expresso.pt/dossies